

C.º - 11 de Julio y Agosto 1836

Relacion de los individuos militares que a consecuencia de la revolución militar ocurrida hace poco en el Reino de Valencia emigraron para ir a Cartagena por este punto de Cambrils

Nombres

Empiezos

D. Leoncio Rubini	Arqueador del Ejército español
D. Juan Navarro	Comandante de D.
D. Jose Manza	Capitan de D.
D. Antonio de Anca	Primer Ayudante de el Director del cuerpo de infanteria militar del Ejército español
D. Jo. Rodriguez Ferraro	Algado de la Real Audiencia del Reino de Valencia, en Comandancia de la Santa Cruz de Cartagena
D. Agustin de Diaz	Real de la Santa Cruz de Cartagena
D. Juan Batista Sanmartin	Alcaide y capitán de morabito
D. Antonio Amos	Alcaide, Real de la Santa Cruz de Cartagena, y capitán de morabito de San Lluís
D. Esteban Escobar	Secretario de la Santa Cruz, y cap.º de morabito
D. Jose M.º Canto	Comandante R.º de la milicia nacional, jefe de Bat.º y Com.º de la Santa Cruz de Cartagena durante la rebelion
D. Diego del Villar	Coman.º de la misma y vocal de otra Santa Cruz
D. Manuel Angel Cortes	Capitan de la misma y vocal de la misma, de la Real Audiencia
D. Juan Maria Carron	Primer Ayudante de el Director de esta del por.º y vocal de D.
D. Jose Benito Arce	Alcaide, y Secretario del Gobierno de la Santa Cruz
D. Juan M.º Borda	Capitan de la misma
D. Juan Antonio Arce	Primer Ayudante de la misma
D. Juan Arredondo	Alcaide
D. Pedro Cortes	Comisario de la milicia nacional
D. Juan Cortes	Primer Ayudante de la misma

## Um olhar sobre as relações entre Portugal e o Brasil a partir da obra de Mendes Correia: desafios, pontes e interações

Patrícia Ferraz de Matos

### Introdução

Este artigo pretende destacar o trabalho desenvolvido pelo antropólogo e arqueólogo António Augusto Esteves Mendes Correia (Porto, 4.4.1888-Lisboa, 7.1.1960) no sentido de estabelecer relações científicas internacionais, nomeadamente com o Brasil. Mendes Correia formou-se em medicina pela Escola Médico-Cirúrgica do Porto em 1911. Foi um dos principais impulsionadores da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (SPA), criada no Porto em 1918, e foi o mentor da Escola de Antropologia sediada na mesma cidade, que existiu enquanto tal durante a primeira metade do século XX. Lecionou na Faculdade de Ciências e na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e reuniu ao longo de vários anos um conjunto de colaboradores. Desempenhou funções como presidente da Câmara Municipal do Porto (1936-1942), foi deputado na Assembleia Nacional (1945-1957), presidente da Junta das Missões Geográficas e de Investigações Coloniais<sup>2</sup> (1946-1959) e, já no final da sua vida, assumiu a presidência da Sociedade de Geografia de Lisboa (1951-1960).

Nos últimos tempos têm surgido em Portugal estudos sobre os contextos sociais de produção da ciência<sup>3</sup>. São exemplo disso trabalhos que procuram estudar não só as investigações realizadas em laboratório<sup>4</sup>, mas também que se propõem estudar as redes científicas nacionais e internacionais<sup>5</sup>, cuja colaboração contribuiu para o desenvolvimento de novas pesquisas, partilha de ideias e abertura ao debate<sup>6</sup>.

No que à história da ciência diz respeito é, muitas vezes, necessário o conhecimento não só dos seus intervenientes nacionais, mas também daqueles com quem foram permutadas ideias, que foram citados e convidados para participar em reuniões científicas. O trabalho desenvolvido por Bruno Latour e Michel Callon, que conduziu ao desenvolvimento da teoria *actor-network*, lembrando os elementos técnicos e não técnicos envolvidos na produção de conhecimentos, traz-nos algumas pistas. Torna-se, assim, possível analisar uma

1 Texto escrito a propósito das comemorações do Ano do Brasil em Portugal e, inicialmente, apresentado no Simpósio Ciências Sociais Cruzadas (Brasil – Portugal) realizado no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e na Universidade de Évora, entre 5 e 7 de junho de 2013. A realização da pesquisa para a elaboração deste artigo teve o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

2 Designada por Junta das Missões Geográficas e de Investigações de Ultramar depois de 1951.

3 NUNES; ROQUE, 2008.

4 NUNES, 2001.

5 ROQUE, 2001.

6 PEREIRA, 2001.

rede de pessoas<sup>7</sup> e o trabalho que foi desenvolvido para que os conhecimentos produzidos na academia fossem divulgados através de redes heterogêneas, ligadas a outras academias e à sociedade<sup>8</sup>. Além disso, é possível ainda investigar a circulação de conhecimentos<sup>9</sup> e o modo como a produção científica que daí resultou veio a influenciar as estruturas que foram criadas. Como referiu Adam Kuper:

As histórias sérias da ciência, como as boas etnografias, têm de abarcar as práticas dos atores, as estruturas institucionais, as redes sociais, os recursos intelectuais e materiais, bem como as relações com outras disciplinas e escolas estrangeiras ou com os organismos oficiais. [...] Não devemos questionar-nos apenas sobre aquilo de que falam os antropólogos, mas também sobre com quem eles falam e quem excluem<sup>10</sup>.

No caso das atividades de Mendes Correia, os esforços que desenvolveu no sentido de serem permutados trabalhos e ideias entre a Escola de Antropologia do Porto e outras instituições no exterior terão trazido novas análises, modos distintos de observação e de investigação, o que a terá vindo a influenciar, estimular e ajudar a colocá-la num plano mais internacionalizado e competitivo. A criação da SPAE terá sido um dos primeiros grandes incentivos a essa internacionalização, mas com a institucionalização da antropologia a nível oficial na Universidade do Porto essa estratégia passou a ser mais regulamentada e promovida.

Como referiram João Arriscado Nunes e Maria Eduarda Gonçalves, o processo de internacionalizar a ciência ou de globalizá-la “não decorre de uma qualquer inerência da sua universalidade – isto é, da validade das suas proposições e procedimentos independentemente dos lugares e das circunstâncias em que eles são acionados – mas de um trabalho de translocalização”<sup>11</sup> que pode ocorrer em termos da constituição de uma “rede de laboratórios capaz de replicar os mesmos procedimentos”, do recrutamento de cientistas e técnicos e da circulação de publicações ou meios que permitem o transporte do conhecimento à distância<sup>12</sup>.

No âmbito da obra desenvolvida por Mendes Correia, o Brasil esteve sempre presente. Presidiu, por exemplo, a direção do Grupo de Estudos Brasileiros da cidade do Porto<sup>13</sup>. Fez parte de algumas associações científicas do Brasil e propôs brasileiros para fazerem parte da SPAE (como foi o caso de Renato Kehl, Oliveira Viana e Pedro Calmon) e com ela permutarem os seus trabalhos. Mendes Correia viajou para o país sul-americano por duas vezes (em 1934 e em 1937), tendo visitado várias instituições dedicadas ao ensino e à investigação científica e apresentado conferências sobre os trabalhos que ia desenvolvendo nas diversas áreas a que se dedicou. Nessa altura conheceu pessoalmente alguns dos vultos da intelectualidade brasileira, como foi o caso de Gilberto Freyre, e promoveu a existência de um intercâmbio intelectual futuro, assim como a vinda de brasileiros a Portugal.

Como acréscimo, o Brasil fez parte das suas reflexões – a grande ex-colónia de Portugal poderia ser encarada não só como um bom exemplo do sucesso da colonização portuguesa nos trópicos, mas também a demonstração de que a convivalidade entre indivíduos de supostas “raças” diferentes era possível, não sendo a mestiçagem vista como uma ameaça. Para além do património linguístico, comum a Portugal, o autor destacou o património cultural e biológico (por ele designado como “etnogenia brasileira”) da nação sul-americana, do qual exaltou a influência portuguesa sob a capa da expressão “cultura luso-brasileira”<sup>14</sup>. O

7 BARNES, 1972.

8 LATOUR, 1987.

9 BASTOS; BARRETO, 2011.

10 KUPER, 2005: 225.

11 NUNES; GONÇALVES, 2001: 15-16.

12 NUNES; GONÇALVES, 2001: 17.

13 *Comércio do Porto*. Porto, 7.1.1960.

14 CORREIA, 1956c.

seu contexto de atuação foi ainda propício ao debate de várias ideias que povoaram a literatura científica de então, como foi o caso da eugenia, da mistura racial<sup>15</sup> e de algumas propostas vindas do campo científico para o devir da humanidade.

### 1. Internacionalizar a ciência: o caso das relações com o Brasil

Mendes Correia foi um dos fundadores da SPAE, fazendo parte da sua direção desde o início, primeiro como secretário (1918), depois como vice-presidente (1922) e posteriormente como presidente (1929). Fundada no Porto a 26 de dezembro de 1918, foi uma sociedade única no país, embora similar a outras no estrangeiro, que permitiu estimular e desenvolver os estudos antropológicos; está relacionada com a Escola de Antropologia do Porto e manteve ao longo de várias décadas relações com cientistas nacionais e estrangeiros, promovendo a permuta de trabalhos e o debate de ideias. De acordo com o artigo 1.º do Capítulo I dos Estatutos de 1918, a SPAE tinha como objetivo

estimular e cultivar em Portugal o estudo dos métodos antropológicos, da antropologia zoológica, antropologia étnica, antropologia e arqueologia pré-históricas, psicologia experimental, etnografia, e dos ramos científicos seus derivados ou aplicados, como as antropologias militar, pedagógica, clínica, criminal, judiciária, etc.<sup>16</sup>

O mesmo artigo referia ainda que, para alcançar os seus objetivos, a sociedade deveria, entre outros aspetos: realizar sessões científicas periódicas e extraordinárias; publicar trabalhos e estudos originais sobre antropologia e ciências antropológicas; e pôr-se em contacto com sociedades congêneres, nacionais e estrangeiras<sup>17</sup>. A SPAE passou a publicar os *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, assim designados entre o volume I de 1918 e o volume X de 1945, depois do qual passaram a denominar-se *Trabalhos de Antropologia e Etnologia (TAE)*, e estes foram durante muito tempo o principal meio de divulgação das atividades realizadas pela sociedade. Enquanto periódico, esta publicação revela o papel crucial que uma revista pode ter na institucionalização de uma disciplina.

Os sócios da SPAE podiam ser honorários, efetivos ou correspondentes, mas só podiam ser correspondentes “os autores de publicações antropológicas de merecimento ou indivíduos que de qualquer forma hajam prestado serviço à antropologia e ciências antropológicas”<sup>18</sup>. Apenas os sócios honorários e os efetivos tinham voto deliberativo e podiam fazer parte dos corpos gerentes<sup>19</sup>.

A atividade de Mendes Correia na SPAE foi desenvolvida ao lado de figuras como: Aarão de Lacerda (1863-1921), com formação em zoologia e medicina; José da Rocha Ferreira, professor de paleontologia; e Bento Carqueja (1860-1935), com formação em ciências físico-naturais. Da medicina provinham nomes como Luís Bastos de Freitas Viegas (1869-1928) e Abel Salazar (1889-1946). Segundo o relatório do primeiro ano de existência da SPAE, publicado na ata de 22 de janeiro de 1920, esta sociedade tinha reunido “55 sócios, dos quais apenas 2 declinaram as eleições”, o que era “um número lisonjeiro para uma sociedade consagrada em Portugal, a um ramo científico especializado”<sup>20</sup>. Aos sócios fundadores foram-se juntando como sócios efetivos

15 Para além do Brasil, a mistura racial foi debatida também no México, Peru, Argentina e Venezuela. Além disso, a questão da miscigenação, vista como decadência, encontrava em Arthur de Gobineau (1816-1882), por exemplo, uma referência crucial, cuja discussão foi comum tanto na Europa como nos Estados Unidos da América, na América Central e do Sul.

16 *Estatutos da SPAE*, 1918: 3.

17 *Estatutos da SPAE*, 1918: 3-4.

18 *Estatutos da SPAE*, 1918: 6.

19 *Estatutos da SPAE*, 1918: 7.

20 *Livro de Actas da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia I*, 1918-1924.

algumas figuras conhecidas, tanto nacionais como estrangeiras, ligadas à ciência e à academia, mas também a outras áreas.

Assim, é importante dar conta também das relações externas que a SPAE foi mantendo, alargando o debate e permutando trabalhos. Tal esforço de internacionalização pode ser verificado, por um lado, com as propostas dirigidas a sócios estrangeiros, correspondentes e honorários, para dela fazerem parte e, por outro, com as propostas para permutar os *Trabalhos da SPAE* com revistas estrangeiras. Entre as figuras externas destacam-se precisamente alguns brasileiros. Mendes Correia propôs para fazerem parte da SPAE (e com ela permutarem trabalhos) figuras como Oliveira Viana (eleito sócio correspondente em 1934), Pedro Calmon e Renato Kehl. Por essa razão, não é de estranhar a existência de alguns livros oferecidos por Pedro Calmon na antiga Biblioteca do Departamento de Zoologia e Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (FCUP) com uma dedicatória por ele assinada, dirigida à biblioteca ou a Mendes Correia.

O Brasil esteve também entre os temas das conferências apresentadas na SPAE, tendo Mendes Correia apresentado o texto “A etnogenia brasílica” em 1935, que viria a ser publicado no volume XIX dos *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*<sup>21</sup>. Foi a SPAE que esteve na origem da Escola de Antropologia do Porto<sup>22</sup> e ambas se fortaleceram durante décadas. Já no final da sua vida, Mendes Correia foi ainda um dos diretores e compiladores da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*.

No que respeita às associações científicas e culturais brasileiras a que esteve ligado, podemos referir a Liga Brasileira de Higiene Mental, para a qual foi escolhido durante a sua visita ao Brasil em 1934 e onde se associou como sócio honorário. Tal proposta, publicada pelo *Jornal do Brasil*, de 29 de junho de 1934, refere-se aos núcleos portugueses com atividades paralelas às da Liga, ou com um programa médico-social idêntico. A notícia salienta que apenas no ano transato (1933) Renato Kehl, presidente da Liga Brasileira de Higiene Mental, “de regresso da Europa”, levou notícias sobre as “várias sociedades portuguesas, como a Liga Portuguesa de Profilaxia Social, a Sociedade de Antropologia, a Sociedade de Estudos Eugénicos”<sup>23</sup>. E embora esta última sociedade estivesse ainda a organizar-se, a verdade é que qualquer uma delas tinha afinidades com a Liga Brasileira. Mendes Correia esteve ligado também ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro no Rio de Janeiro<sup>24</sup> (como sócio correspondente desde 1937); e à Sociedade Brasileira de Medicina e Cirurgia Legal, em São Paulo.

Mendes Correia apresentou as suas reflexões sobre o Brasil em vários congressos, dentro e fora do seu país, tendo participado, por exemplo, no *Congresso Brasileiro de Identificação* realizado em 1934 no Rio de Janeiro<sup>25</sup>. No *Congresso Luso-Brasileiro de História* de 1940 (integrado nos *Congressos do Mundo Português* que ocorreram em Lisboa) proferiu uma comunicação sobre “o elemento português na demografia do Brasil”<sup>26</sup>. Participou ainda no *Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros*, realizado em Washington no ano de 1950<sup>27</sup>.

No âmbito da promoção do intercâmbio científico e cultural podemos referir, por exemplo, o convite formulado por Mendes Correia a Renato Kehl para vir a Portugal. Tal proposta foi aceite e a 24 de outubro de 1932 Renato Kehl proferiu uma conferência no Porto intitulada “Política eugénica”<sup>28</sup>. Nessa comunicação, o médico e eugenista brasileiro defendeu o casamento entre indivíduos da mesma classe social, ou da mesma

21 CORREIA, 1935.

22 Uma escola contemporânea da Escola de Antropologia do Porto foi a Escola Nina Rodrigues no Brasil. Através dela é possível perceber as preocupações dos seus membros (médicos e cientistas sociais), as suas linhas teóricas e as relações com a sociedade e o Estado brasileiro (CORREIA, 1982).  
23 AAVV, 1935: 48.

24 Tinham feito parte desse instituto: duque de Saldanha, marquês de Sá da Bandeira, Alexandre Herculano, Almeida Garrett, António Feliciano Castilho, Latino Coelho, Pinheiro Chagas, Tomás Ribeiro, Alexandre de Serpa Pinto e os reis D. Luís e D. Carlos, assim como o ex-presidente da República, Bernardino Machado.

25 Neste congresso apresentou a conferência intitulada “O indivíduo, realidade biológica” (AAVV, 1935).

26 CORREIA, 1940d.

27 CORREIA, 1951.

28 *Livro de Actas da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia II, 1925-1944*.

“raça”, e manifestou-se contra a mestiçagem, uma vez que esta podia trazer malefícios ao nível social, biológico e moral.

A 27 de agosto de 1936, e na qualidade de presidente da Câmara Municipal do Porto, informou que a mesma apoiaria um Grupo de Estudos Brasileiros, que se constituiu nessa cidade para intensificar “o conhecimento das múltiplas e variadas manifestações de atividade cultural no grande país irmão”, com o qual havia “tantas afinidades étnicas, espirituais e económicas”<sup>29</sup>. Posteriormente, a 9 de dezembro de 1937, propôs que a Câmara Municipal saudasse e homenageasse, através dos “Estudos Portugueses”, algumas figuras “da alta cultura da Alemanha e do Brasil”, que “fizeram parte das delegações dos dois países às comemorações do quarto centenário da fixação da Universidade em Coimbra”, tendo parte delas recebido ali a distinção de doutoramento *honoris causa*. Entre essas figuras, que iriam visitar o Porto, estavam o camonianista e escritor Afrânio Peixoto e o historiador e académico Pedro Calmon, e também o antropólogo E. Fisher, o geógrafo Lautensach, o folclorista e filólogo Krüger e a historiadora de arte Gertrud Richert. Segundo Mendes Correia, quase todos eles eram autores de trabalhos sobre “assuntos portugueses”: por exemplo, Afrânio Peixoto, nos seus relatos de viagem em Portugal, e Lautensach, nos seus volumes sobre a geografia do país, “exaltam de modo especial as características do Porto”<sup>30</sup>.

Em vários dos seus textos e discursos, Mendes Correia cita Gilberto Freyre<sup>31</sup> e Afrânio Peixoto<sup>32</sup> (médico, político, historiador) e estes também o citam<sup>33</sup>, havendo assim uma clara partilha de interesses e troca de ideias. Entre os trabalhos que foram oferecidos à Escola de Antropologia do Porto (no âmbito das permutas científicas) existem também alguns do historiador brasileiro Sílvio Romero<sup>34</sup>. Dos nomes citados por Mendes Correia, e com os quais permuta trabalhos, podemos estar a falar de especialistas de áreas muito distintas, mas cujo trabalho preencheria os seus interesses diversificados, ou então de indivíduos que se interessavam por vários assuntos, como era o caso do “professor do Porto”, expressão pela qual era muitas vezes designado.

Também as viagens que realizou ao país sul-americano por duas vezes (em 1934 e em 1937) lhe permitiram alargar a sua rede de contactos e sustentar alguns dos já existentes. Nessas ocasiões visitou instituições dedicadas ao ensino e à investigação científica e apresentou conferências sobre os trabalhos que ia desenvolvendo nas diversas áreas a que se dedicou. Conheceu pessoalmente o escritor e sociólogo brasileiro Gilberto Freyre e moveu esforços no sentido de estimular relações futuras com a comunidade científica brasileira. Em ambas as viagens desenvolveu contactos com vista a permutar trabalhos e formulou convites a alguns brasileiros para conferenciar durante a criação da Sociedade de Estudos Eugénicos (Coimbra, 1937) ou a realização dos *Congressos do Mundo Português* (Lisboa, 1940).

Durante a sua visita de 1934 (Figura n.º 1), realizada a convite do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, proferiu conferências e comunicações sobre diferentes temas ligados à antropologia (“antropologia criminal”, “antropologia portuguesa”, “raças da pré-história”, “europeus e africanos na etnogenia brasileira”, entre outros). O jornal *A Pátria* (Rio de Janeiro, 15 de julho de 1934), por exemplo, apresentou uma súmula da primeira fase dos trabalhos no Instituto Luso-Brasileiro de Alta-Cultura. A propósito do convite para a inauguração deste instituto, no Rio de Janeiro e em São Paulo, foi elaborada, por alguns colaboradores da SPAE, uma edição baseada em artigos que saíram nos jornais brasileiros, aquando da sua estadia no Brasil<sup>35</sup>.

29 *Boletim Municipal da Câmara Municipal do Porto*.

30 *Boletim Municipal da Câmara Municipal do Porto*.

31 Tal acontece, por exemplo, na sessão inaugural da IV Legislatura (1945-1949).

32 CORREIA, 1940b; CORREIA, 1943.

33 Em *Casa Grande & Senzala* o autor brasileiro (FREYRE, 1957 [1933]) cita vários trabalhos do professor do Porto (CORREIA, 1913; CORREIA, 1919; CORREIA, 1924; CORREIA, 1931).

34 É o caso da publicação de um discurso proferido por Sílvio Romero, no Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, acerca do elemento português na colonização do Brasil (ROMERO, 1902).

35 AAVV, 1935.



Figura n.º 1 – Mendes Correia e esposa, Maria Antónia do Carmo de Loureiro e Brada, no momento de chegada ao Rio de Janeiro, em 1934.

No Rio de Janeiro visitou escolas, institutos, sociedades ou agremiações: Instituto de Identificação, Escola Militar de Educação Física, Beneficência Portuguesa, Instituto Histórico e Geográfico do Brasil<sup>36</sup>, Biblioteca Nacional, Faculdades de Medicina e de Direito, Museu Nacional, Escola Nacional de Belas Artes, Instituto Anatómico Benjamim Baptista, Laboratórios Granado, Rotary Club e Instituto Nacional de Música. Em Niterói foi ainda convidado pelas Faculdades de Medicina e de Direito, tendo havido uma sessão solene em sua honra nesta última, onde discursou Oliveira Viana.

No mês de junho, e no Gabinete Português de Leitura, falou, no dia 12, sobre “Raças das Colônias Portuguesas”; no dia seguinte sobre “O homem no mundo animal” e no dia 15 sobre “O homem fóssil”. Já no *Congresso Nacional de Identificação*, realizado no dia 18, apresentou a conferência “O indivíduo, realidade biológica”. No dia 19 apresentou, na Escola Nacional de Belas Artes, uma comunicação intitulada “A arte pré-histórica na Europa Ocidental”; no dia 22, na Academia Brasileira de Letras, outra sobre “Montaigne e a América pré-colombiana”; no dia 23, na Academia Brasileira de Letras, sobre “A Atlântida e as origens de Lisboa”; no dia 26, no Instituto Histórico e Geográfico, sobre “Vallaux e a Geografia Geral dos Mares”; e no dia 27, no Gabinete Português de Leitura, sobre “As origens do Povo Português”. Em julho, no dia 12, apresentou a conferência “Os criminosos em Portugal” no Instituto dos Advogados e, no dia 13, proferiu a palestra “Técnica das investigações pré-históricas”, no Museu Nacional.

Também em julho, mas na Universidade de São Paulo, proferiu algumas das conferências que já tinha apresentado anteriormente no Rio de Janeiro: “O homem na série animal”, “Montaigne e a América pré-colombiana” e “A Atlântida e as origens de Lisboa”. Além disso, visitou em São Paulo a Faculdade de Medicina, o Instituto de Medicina Legal, a Repartição de Identificação, a Faculdade de Direito, o Instituto Butantan, a Penitenciária, a Santa Casa, a Beneficência Portuguesa e o Museu Paulista, onde, segundo Santos Júnior, “estudou 26 crânios de ‘sambaquis’ da ilha de Santo Amaro, ainda não estudados por nenhum outro cientista”<sup>37</sup>.

Durante a visita ao Rio de Janeiro, tornou-se sócio honorário da Academia Nacional de Medicina (proposto por Renato Kehl) e da Liga Brasileira de Higiene Mental, sendo agraciado também com a Ordem do Cruzeiro do Sul no Ministério das Relações Exteriores. Esta visita revelou os vários interesses intelectuais de Mendes Correia. Contudo, a diversidade dos temas sobre os quais se debruçou não significava distância, como referiu no discurso de agradecimento na Academia de Medicina do Brasil:

A medicina humana e a história natural do homem não se separam por fronteiras nítidas, antes se relacionam, indissoluvelmente, em interpenetrações e conexões que a nenhum cultor desses domínios é hoje lícito desconhecer e contestar. Precisamente é pelo terreno da Antropologia Criminal, da Biotipologia e da Antropologia Clínica, que essas interferências mais fortemente se acentuam no estado atual dos nossos estudos<sup>38</sup>.

Posteriormente, em 1937, Mendes Correia visitou, no Rio de Janeiro, o Real Gabinete Português de Leitura, cuja fundação remonta a 14 de maio de 1837, possuindo a maior e mais diversificada biblioteca de autores portugueses fora de Portugal. Esteve, assim, presente na ocasião do centenário de fundação do gabinete (1937), quando foram tiradas algumas fotografias, surgindo o professor do Porto em algumas delas, junto de figuras de relevo da sociedade brasileira da época, como pude verificar na visita à exposição dos 170 anos do Real Gabinete Português de Leitura (Figura n.º 2).

36 O seu presidente em 1934 era o conde Afonso Celso.

37 JÚNIOR, 1934: 7.

38 AAVV, 1935: 72.

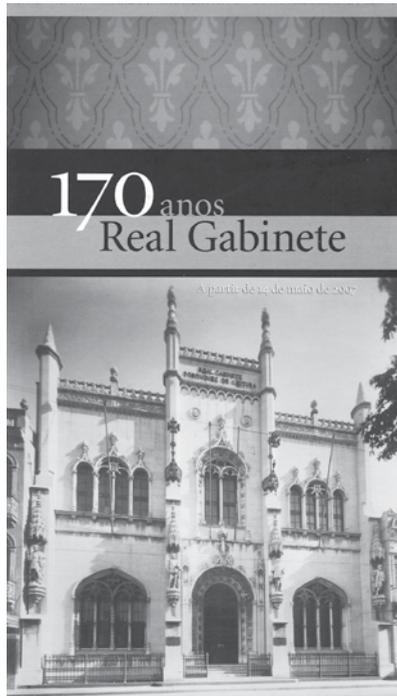


Figura n.º 2 – Anúncio da celebração dos 170 anos do Real Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro, 2007.

## 2. A presença do Brasil na obra de Mendes Correia

As relações intelectuais entre o Brasil e Portugal foram especialmente profícuas entre os finais do século XIX – um período caracterizado pela influência do nacionalismo e no qual se refletiu sobre a identidade portuguesa – e as primeiras décadas do século XX, numa altura em que vários autores foram chamados a debruçar-se sobre o futuro da nação europeia, embora periférica, e das suas capacidades enquanto país colonizador em territórios extra-europeus. Durante essas décadas, surgiram vários discursos que assinalaram os elementos históricos em comum e trouxeram para o debate elementos explicativos, como o da “raça” e o do caráter nacional, sobretudo até à década de 1950, quando se verificou uma atenuação da circulação de tais discursos<sup>39</sup>.

A obra de Mendes Correia é reveladora desse interesse pelo Brasil – um país que fornecia vários terrenos de estudo e, ao mesmo tempo, podia ser inspirador de novas reflexões acerca da colonização portuguesa em curso noutros territórios. Assim, os seus artigos de âmbito arqueológico debruçaram-se especificamente sobre Portugal, ou as então colónias, como Moçambique e Timor, mas também sobre a ex-colónia brasileira, como aconteceu com o texto “Gravuras rupestres no Brasil”<sup>40</sup>. O país sul-americano serviu de campo para diversos estudos, tanto acerca do passado, como do seu período contemporâneo, demonstrado no artigo intitulado “A etnogenia brasílica”<sup>41</sup>, ou no livro *Cariocas e Paulistas*, com cerca de trezentas páginas<sup>42</sup>. Escreveu ainda

39 Sobre as representações portuguesas e brasileiras da identidade nacional portuguesa durante esse período, ver SOBRAL, 2010, onde o autor destaca principalmente as representações dos autores Mendes Correia (1888-1960), Gilberto Freyre (1900-1987), Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982) e Jorge Dias (1907-1973).

40 CORREIA, 1932.

41 CORREIA, 1935a.

42 CORREIA, 1935b.

os textos “Antigos escravos africanos em Portugal e no Brasil”<sup>43</sup>, “O elemento português na demografia do Brasil”<sup>44</sup>, “As tendências bio-étnicas do Brasil contemporâneo”<sup>45</sup>, “Cientistas no Brasil”<sup>46</sup> e “A ‘cultura luso-brasileira’”. (A propósito de duas conferências de Pedro Calmon)<sup>47</sup>.

No âmbito da sua obra, as suas reflexões acerca da ex-colónia sul-americana vão-se alterando um pouco e adequando ao longo dos anos. Em 1919 lamenta que “os portugueses emigram para países estranhos que vão valorizar, em vez de emigrarem para as colónias ou de valorizarem a própria terra”, embora reconheça que a emigração para o Brasil tendo inconvenientes, também tinha vantagens<sup>48</sup>. Contudo, essa emigração podia levantar problemas, uma vez que iria pôr em contacto seres humanos muito distintos.

Já em 1934, quando visita o Brasil, fala no que se pode designar por uma miscigenação seletiva, mas que considera tratar-se de “seleção racial”:

Os eugenistas e os economistas estão vigilantes, no que respeita aos problemas da imigração. Se, no ponto de vista das condições de saúde física e moral dos imigrantes, é possível um regime de fiscalização racional, as dificuldades são maiores na fixação dos contingentes étnicos. Um estropiado, um inválido, um meliante, são averiguadamente indesejáveis como elementos da economia dum país. Mas a seleção racial é mais difícil<sup>49</sup>. [...]

Quando, nas tardes dos domingos, ou recolhendo ao hotel, eu via, no Rio, na Avenida Beira Mar, [...] os pares abundantes de enamorados, só encontrei brancos com brancas, mulatos e mulatas, negros e negras, numa eletividade atrativa de indivíduos das mesmas raças. Na base do amor que inspirava aqueles idílios, estava como um dos elementos a afinidade antropológica. [...] E o índio? Quer o índio selvagem, o bugre, quer o índio assimilado, o caboclo, quer os mestiços do sangue índio com os elementos brancos – os mamelucos – ou com os elementos negros – os cafusos –, o seu papel na vida atual do Brasil é hoje reduzidíssimo<sup>50</sup>. [...]

Mosaico de regiões, rede complexa de gentes e interesses polimorfos, o Brasil dá, porém, exemplos edificantes do poder da Natureza e do poder dos homens<sup>51</sup>.

Era, assim, através da “seleção racial” que os indivíduos escolhiam parceiros fenotipicamente semelhantes, num propósito que designa por “afinidade antropológica”. Além da mestiçagem ser vista como algo que naturalmente se repudia, os seus resultados – os mestiços – não ocupavam lugares de destaque na vida social do Brasil.

Em 1940, no *Congresso Luso-Brasileiro de História*, integrado nos *Congressos do Mundo Português*, debruçou-se sobre “O elemento português na demografia do Brasil”<sup>52</sup>. Nesta intervenção, considerou o Brasil uma nação que estava a sofrer um processo de “branqueamento” – fenómeno que alguns autores defendiam estar a acontecer – e com o qual concordava. Embora reconheça a existência de uma forte imigração neste país, incluindo os indivíduos de origem africana, e assumo o elemento ameríndio, considera que “os elementos de cor” não são a “maioria ativa – social, política e economicamente dominante – da população”<sup>53</sup>. Além disso, refere ser “reduzido o seu número nos postos elevados, nas classes

43 CORREIA, 1938.

44 CORREIA, 1940c.

45 CORREIA, 1944b.

46 CORREIA, 1954b.

47 CORREIA, 1956c.

48 CORREIA, 1919: 161.

49 CORREIA, 1935a: 7-8.

50 CORREIA, 1935a: 13.

51 CORREIA, 1935a: 22.

52 CORREIA, 1940c.

53 CORREIA, 1940c: 254.

preponderantes, nas escolas médias e superiores, nas praias e estâncias elegantes”<sup>54</sup>. Nesta comunicação, além de Oliveira Viana<sup>55</sup>, cita Sívlio Romero<sup>56</sup>, Roquette Pinto<sup>57</sup>, Lôbo de Oliveira, Óscar Brown<sup>58</sup>, Pedro Calmon, Euclides da Cunha, Alfredo Ellis Júnior e Gilberto Freyre, mostrando, assim, o seu conhecimento das ideias gerais associadas a estes autores.

Para Mendes Correia, a mestiçagem podia ser vista, à partida, como uma ameaça, como aconteceu na comunicação “O mestiçamento nas colónias portuguesas”<sup>59</sup>, apresentada à 22.ª Subsecção do II Congresso da União Nacional, realizado em 1944 em Lisboa, uma vez que conduziria à dissolução de caracteres específicos dos portugueses, cuja existência alguns autores tinham tentado demonstrar<sup>60</sup>. Porém, o “mestiçamento” aparece também como via subsidiária da manutenção e consolidação do império, ou seja, verifica-se aqui uma atualização das ideias do autor, ao atenuar o conteúdo de alguns dos seus discursos anteriores. Já previamente, no Congresso Colonial dos congressos de 1940, tinha aludido a essa ideia quando se refere ao processo de formação da ex-colónia sul-americana:

O mestiçamento dos portugueses com índias brasileiras de que nasceram, por exemplo, os muito enaltecidos mamelucos das bandeiras paulistas – e mais tarde com as regras introduzidas pela escravatura no mesmo país – gerando os mulatos ou cabras, etc. – foi inegavelmente um processo inevitável de povoamento e formação do Brasil<sup>61</sup>.

No contexto pós II Guerra Mundial, em 1950<sup>62</sup>, admite mais explicitamente que o mestiçamento é “um dos agentes mais poderosos da expansão portuguesa”<sup>63</sup>, que testemunhava “a ausência de preconceitos raciais da parte dos Portugueses”<sup>64</sup>.

Também a ideologia colonial do Estado Novo veio a apropriar-se nos anos 1950 das teses luso-tropicalistas de Gilberto Freyre<sup>65</sup>. A valorização da miscigenação está presente na sua obra *Casa Grande & Senzala*<sup>66</sup>, onde o autor, que se terá inspirado no antropólogo Franz Boas (1858-1942) e em outros autores culturalistas para valorizar o contributo das culturas dos africanos e dos ameríndios para a formação do Brasil, defende que aquela sociedade foi favorecida pela mestiçagem durante o período colonial. País considerado livre de preconceito racial, podia servir de exemplo para o resto do mundo. Além da “democracia racial”, o autor destaca a predisposição dos portugueses para o contacto fraterno com populações tropicais, devido ao seu passado étnico e cultural de “povo” indefinido entre a Europa e a África<sup>67</sup>.

54 CORREIA, 1940c: 254.

55 Historiador contemporâneo de Roquette Pinto, Lôbo de Oliveira e Óscar Brown, entre outros. Mendes Correia conheceu pessoalmente Oliveira Viana durante a sua estada no Brasil em 1934, mas já se relacionava com ele através de correspondência epistolar e de permuta de publicações. Voltou a vê-lo na sua segunda viagem ao Brasil em 1937.

56 Historiador que via o Brasil como o produto de três raças: branco europeu, negro africano e índio aborígene.

57 Historiador que classificou os grupos humanos em leucodermes, faiodermes e melanodermes.

58 Antropólogo e biotipologista, autor de *O normótipo brasileiro*. Para Mendes Correia, este livro concebe num esforço de simplificação, não um “normótipo”, mas pelo menos três, “correspondentes respectivamente aos leucodermes, aos faiodermes e aos melanodermes da classificação de Roquette Pinto” (CORREIA, 1940c).

59 CORREIA, 1944a.

60 MELLO, 1936; TAMAGNINI, 1939; LIMA, 1940; AZEVEDO, 1940.

61 CORREIA, 1940a: 13.

62 Ano em que o texto foi apresentado.

63 CORREIA, 1954a: 258.

64 CORREIA, 1954a: 258-259.

65 FREYRE, 1957 (1933).

66 Neste livro, Freyre cita várias vezes o professor do Porto: CORREIA, 1913; CORREIA, 1919; CORREIA, 1924; CORREIA, 1931, donde podemos mais uma vez confirmar a troca de ideias.

67 ANDREWS, 1991; CASTELO, 1998.

Alguns autores em Portugal revelam ser conhecedores da obra de Freyre, como é o caso do escritor e intelectual de direita, José Osório de Oliveira<sup>68</sup>, que parece concordar com as mesmas e enaltece-as já na década de 1930 e inícios da seguinte, numa altura em que o regime político ainda não tinha incorporado as teses do luso-tropicalismo e da mestiçagem desproblematizante do povo português<sup>69</sup>. A imensa nação sul-americana, considerada à época como uma das grandes criações portuguesas, foi também alvo das reflexões de Mendes Correia no que concerne à diversidade de elementos raciais no país e à problemática de aí vir a existir uma maior homogeneização ou heterogeneidade racial, tendo em conta o elemento português na sua demografia<sup>70</sup>.

Para Mendes Correia, alguns autores, inspirados sobretudo nos trabalhos de Franz Boas nos Estados Unidos da América, atribuíam ao meio físico uma “acção modeladora capaz de gerar novos tipos humanos, sobre a massa plástica das populações existentes”<sup>71</sup>. Crítico da apreciação do antropólogo americano, refere que algumas modificações averiguadas estavam mais relacionadas com o mestiçamento do que com o meio. No que toca à presença do elemento português na demografia do Brasil, considera que essa “arianização” não representaria necessariamente um “reaportuguesamento”, até porque o país tinha indivíduos de origens muito distintas, mas poderia constituir uma “reintegração do fator germinal luso”<sup>72</sup>. Perante esta heterogeneidade, e no “estrito aspeto racial”, aceita, tal como Oliveira Viana, que irá existir um “aumento dos elementos europóides concomitantemente com uma regressão dos pardos e negros”<sup>73</sup>. Apesar de considerar que “não é crível a eliminação de genes dos elementos melanodermes e doutros elementos não leucodermes no pecúlio germinal do povo brasileiro”, sustenta que “os elementos de cor não são a maioria, social, política e economicamente predominante da população brasileira”<sup>74</sup>, uma ideia que já havia defendido em outro local<sup>75</sup>. Assim, no geral, os discursos de Mendes Correia parecem alertar, sobretudo, para os possíveis malefícios da mestiçagem e inclinar-se para a valorização de comunidades cujos “elementos de cor” não sejam determinantes.

Em 1950, Mendes Correia participa no colóquio de Estudos Brasileiros, realizado em Washington. Nessa ocasião apresenta o texto “A cultura portuguesa na África e no Oriente”, onde aborda a “psicologia da cultura portuguesa ou luso-cristã”<sup>76</sup>. Nele enaltece a definição de “cultura portuguesa” feita pelo antropólogo Jorge Dias nesse colóquio – que insiste na “primazia, no quase exclusivismo, dos aspetos psicológicos dessa definição” – embora considere que “uma cultura é acima de tudo a tradução duma psicologia”, mas sem excluir a existência de índices materiais, bem expressivos, dessa psicologia<sup>77</sup>.

Isto embora, segundo o professor da FCUP, nem sempre seja fácil, ou possível, encontrar laços entre a mentalidade que criou esses elementos e a sua fisionomia. Antes, “é a afetividade que regula em grau e sentido a maior parte das atividades intelectuais, volitivas e sociais dos Portugueses”<sup>78</sup>. O autor fala no conceito de afetividade, “desde o aspeto amoroso que levou os colonizadores lusitanos à fusão com as raças nativas, até à preocupação espiritual [...] que impregnou quase toda a sua atuação no mundo (mesmo fora da rigidez estrita

68 Filho de Ana de Castro Osório, autora do primeiro manifesto feminista português (1905), e de Paulino de Oliveira, que colaborou com Afonso Costa, ministro da Justiça, na elaboração da Lei do Divórcio.

69 OLIVEIRA, 1934a; OLIVEIRA, 1934b; OLIVEIRA, 1939; OLIVEIRA, 1940.

70 CORREIA, 1944b.

71 CORREIA, 1944b: 7.

72 CORREIA, 1944b: 8-9.

73 CORREIA, 1944b: 9.

74 CORREIA, 1944b: 9.

75 CORREIA, 1940c: 254.

76 CORREIA, 1951. Este artigo foi publicado em CORREIA, 1954a: 227-263, e será daqui em diante o citado.

77 CORREIA, 1954a: 227.

78 CORREIA, 1954a: 228.

dos cânones eclesiásticos)”, chegando a designar esta por “cultura luso-cristã”<sup>79</sup>. Reconhece que a intolerância religiosa ditou na metrópole e no ultramar perseguições e violências, mas que tais factos têm paralelos, e até mais graves, em outras “nações civilizadas”<sup>80</sup>. Acrescenta que embora tenha havido a intenção de proselitismo em favor da fé cristã, tal veio a constituir um importante elemento cultural<sup>81</sup>. Assim, a “cultura portuguesa”, que entende ser o mesmo que “cultura luso-cristã”, era o “conjunto de elementos culturais, sobretudo de atitudes psicológicas, que os Portugueses espalharam pelo globo ou que em muitos pontos receberam as influências ou as penetrações que o meio físico ou o contacto doutros povos e culturas originaram”<sup>82</sup>. Mas essa “cultura”, embora tivesse uma “predominante feição psicológica”, tinha também “aspetos materiais ou ergológicos” e “correlações biológicas, ou bio-étnicas”<sup>83</sup>.

Em 1951, Gilberto Freyre visita Portugal e os seus territórios coloniais em África e na Índia<sup>84</sup>, a convite do ministro das Colónias, Sarmento Rodrigues, para que assim pudesse provar a sua teoria luso-tropical *in situ*. Fenómenos idênticos ao sucesso do Brasil com uma “harmonia” racial (apesar dos conflitos existentes que reconhece) e uma coexistência tolerante de diferentes culturas e religiões dever-se-iam observar em outros locais sob o domínio português e é esta similitude que vai tentar provar. Na Guiné, por exemplo, Gilberto Freyre encontrou fulas islamizados que colaboravam com o colono português; em Goa, Damão e Diu constatou que conviviam simultaneamente católicos, muçulmanos, hindus e parses. Porém, em alguns casos não se trataria propriamente de uma atitude tolerante e talvez fosse a própria pobreza a aproximar os colonos portugueses das gentes nativas.

No mesmo ano, e enquanto deputado na Assembleia Nacional, Mendes Correia pronuncia-se a 26 de abril contra o “estatuto de indígena”<sup>85</sup>, defendendo que todos os habitantes do império português – metrópole e colónias – deveriam ser considerados cidadãos portugueses sem diferenciação de estatuto. É também nesse ano que afirma que os exemplos de mescla racial, encontrados nas colónias, testificam a ausência de preconceito racial entre os portugueses<sup>86</sup>, pressupondo esta asserção a ausência de racismo também no Brasil. Esta asseveração é, contudo, produzida num contexto particular. Não obstante, a ideia de que a colonização portuguesa foi singular encontra-se em autores de outras nacionalidades, como o já referido Gilberto Freyre<sup>87</sup> ou a americana Ruth Benedict. Na obra *Race and Racism* esta autora refere, talvez por influência de Freyre, que houve uma diferença nas atitudes dos colonizadores de diferentes nações: os espanhóis, os portugueses e os holandeses não partilharam o horror que os ingleses tiveram em relação à miscigenação, nem os franceses impuseram as rígidas distinções de casta, como o fizeram os ingleses<sup>88</sup>.

Por seu turno, segundo o investigador americano Gerald Bender, tanto Portugal, como o Brasil, tentaram no início dos anos 1930 reivindicar o seu esplendor através do luso-tropicalismo, acentuando a natureza

79 CORREIA, 1954a: 228.

80 CORREIA, 1954a: 229.

81 CORREIA, 1954a: 229.

82 CORREIA, 1954a: 230.

83 CORREIA, 1954a: 232.

84 Freyre não visita Timor, pois foi-lhe transmitida a ideia de que não valeria a pena. Sobre o que escreveu acerca desta viagem, ver FREYRE, 1954a e FREYRE, 1954b.

85 De acordo com a legislação, os “indígenas” eram, segundo o artigo 2.º do decreto-lei n.º 16473 de 6 de fevereiro de 1929, do ministério das Colónias, que regulamentou o Estatuto Político, Civil e Criminal dos Indígenas, “os indivíduos da raça negra, ou dela descendentes que, pela sua ilustração e costumes, se não distingam do comum daquela raça; e não indígenas, os indivíduos de qualquer raça que não estejam naquelas condições”. Em resultado da revisão constitucional, este estatuto foi reformulado em 1954; adotou-se então uma política integracionista e as colónias passaram a ter o nome e o estatuto jurídico de províncias ultramarinas; contudo, tal estatuto continuou a impor a segregação. O estatuto aprovado em 1954 foi definitivamente revogado em 1961.

86 CORREIA, 1951.

87 FREYRE, 1957 [1933].

88 BENEDICT, 1983 [1942]: 106.

positiva da mescla portuguesa de “raças” nos trópicos<sup>89</sup>. Todavia, ainda que ambos os países defendessem a singular ausência de racismo entre os colonizadores portugueses, havia uma grande diferença no modo como viam os negros. Os brasileiros destacavam a natureza simbólica do contacto racial entre os portugueses e as civilizações africanas, tendo cada grupo beneficiado da cultura do outro. Já em Portugal caracterizavam-se os africanos como intrinsecamente inferiores e a auto-adulação portuguesa sobre a sua “missão civilizadora” dependia dessa inferioridade<sup>90</sup>. Contudo, apesar das semelhanças e das diferenças da interpretação brasileira e portuguesa do luso-tropicalismo, o ponto central da ideologia dos dois países foi a existência de um colonialismo português não racista, completamente *sui generis*<sup>91</sup>. Segundo Bender, a afirmação de que a grande percentagem de mestiços no Brasil é a prova *ipso facto* da ausência de racismo português, pressupõe que as atitudes raciais e a conduta podem deduzir-se da incidência histórica da mescla racial e de que o padrão brasileiro de mescla racial é não só único, mas representativo das relações entre os portugueses e os brancos, em todas as partes do mundo<sup>92</sup>.

Durante o exercício das suas funções de deputado na Assembleia Nacional, Mendes Correia também profere opiniões sobre acordos culturais entre Portugal e o Brasil. Várias são as vezes em que nessa qualidade defende a manutenção de boas relações com o país irmão e a difusão do livro português nesse território. A 15 de dezembro de 1945 sugere a “defesa da língua portuguesa, em complemento desse notável instrumento diplomático que é o acordo ortográfico luso-brasileiro”; considera ser útil a defesa do livro português, que corria “o grave perigo de ser subvertido por livros e publicações de outros países” e propõe que se faça “uma ampla reforma do ensino” – primário, técnico e superior. Essa reforma deveria avançar no sentido de uma “simplificação, sem complicações, sem excessos de cursos verdadeiramente desnecessários, sem especializações fictícias”, que o país não comportava<sup>93</sup>.

Ainda, na Assembleia Nacional elogia o acordo cultural assinado entre Portugal e o Brasil, que estipulava: a atribuição de bolsas de estudo a professores, académicos, membros de outros organismos, diplomados e técnicos; a organização de cursos e conferências de individualidades de um país no outro; o intercâmbio de livros e trabalhos; e a criação nos dois países do Prémio Álvares Cabral para consagração dos trabalhos mais notáveis publicados num deles sobre o outro (7 de dezembro de 1949). Recorda episódios da história comum dos dois países e a criação, em 1934, do Instituto Luso-Brasileiro para a Alta Cultura, simultaneamente no Brasil e em Portugal, cujos primeiros atos públicos culturais foram as conferências que proferiu no Rio de Janeiro e em São Paulo, e lembra a sua participação no 1.º centenário do Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro em 1937. No domínio diplomático salienta a importância do colóquio Luso-Brasileiro de Washington, realizado a 14 de dezembro de 1950. Na sessão de 7 de dezembro de 1954 refere-se ao Tratado de Amizade e Consulta entre Portugal e o Brasil, firmado no Rio de Janeiro em 16 de novembro do ano anterior, e elogia a conveniência do estabelecimento de uma comunidade luso-brasileira<sup>94</sup>. Recorde-se que deste intercâmbio fez parte ainda a participação do Brasil nas Comemorações Centenárias de 1940 e a integração de Portugal nas Comemorações Centenárias da Restauração de Pernambuco e da Fundação da Cidade de São Paulo em 1954.

Em 1956, para além do património linguístico, comum a Portugal, o autor destaca no texto “A ‘cultura luso-brasileira’”<sup>95</sup> o património cultural e biológico (por ele designado como “etnogenia brasileira”) da nação sul-americana, do qual exalta a influência portuguesa sob a capa da expressão “cultura luso-brasileira”. Por

89 BENDER, 1980: 31.

90 BENDER, 1980: 31.

91 BENDER, 1980: 33.

92 BENDER, 1980: 61.

93 *Diário das Sessões*. Assembleia Nacional.

94 *Diário das Sessões*. Assembleia Nacional.

95 CORREIA, 1956c.

último, a importância de Mendes Correia na sociedade portuguesa de então, e junto do meio científico e cultural brasileiro, terá justificado a presença de alguns brasileiros distintos, ou os seus representantes, em cerimónias dedicadas ao professor do Porto. Tal aconteceu, por exemplo, na sessão de homenagem que lhe foi feita a 4 de abril de 1957 na Sociedade de Geografia de Lisboa, que incluiu uma sessão solene, uma exposição biobibliográfica, a oferta do seu busto em bronze (Figura n.º 3), e um banquete para mais de 250 individualidades, onde esteve o embaixador do Brasil, Álvaro Lins<sup>96</sup>. Nessa ocasião foi saudado pelos reitores de várias universidades, nomeadamente por Pedro Calmon, reitor da Universidade do Brasil (no Rio de Janeiro) e por embaixadores do Brasil.

## Conclusão

Como outros autores já o demonstraram<sup>97</sup>, no período entre os finais do século XIX até aos anos 1950 houve um incremento das relações intelectuais entre Portugal e o Brasil. Este artigo pretendeu demonstrar o contributo de Mendes Correia para a promoção e manutenção dessas relações através da sua ação científica e política. As relações luso-brasileiras foram por ele enaltecidas e estimuladas a vários níveis. Enquanto fundador e mentor da SPAE, Mendes Correia propôs brasileiros para dela fazerem parte e com ela permutarem trabalhos científicos. O Brasil foi ainda tema para debate em algumas das conferências apresentadas na SPAE. Por outro lado, Mendes Correia fez parte de algumas associações científicas e culturais brasileiras.

Durante as viagens que realizou ao país sul-americano (em 1934 e em 1937) procurou estabelecer intercâmbios, visitando várias instituições dedicadas ao ensino e à investigação científica e apresentando conferências sobre os trabalhos que ia desenvolvendo. Os temas dessas conferências eram, na maioria das vezes, adequados aos públicos para os quais se dirigia, que podiam ser mais especializados em domínios do Direito, da Medicina, da História ou da Arqueologia. Contudo, embora diversos, vários dos assuntos que abordava eram do interesse de alguns dos seus interlocutores da comunidade científica e essa diversidade era amiúde idêntica ao trabalho de alguns brasileiros. Por essa razão, alguns deles foram mesmo convidados, não só para fazerem parte da SPAE, como a visitarem o país, como aconteceu com Renato Kehl em 1932.

No âmbito da ação política, e enquanto presidente da Câmara Municipal do Porto, promoveu, em 1936, o apoio à criação de um Grupo de Estudos Brasileiros, constituído na mesma cidade, e a homenagem a algumas figuras da alta cultura brasileira, como Afrânio Peixoto e Pedro Calmon, em 1937. No ano de 1945, e enquanto deputado na Assembleia Nacional, defendeu a existência de acordos culturais entre Portugal e o Brasil, sugeriu a difusão do livro português nesse país e pronunciou-se favoravelmente sobre o acordo ortográfico luso-brasileiro. Ainda na Assembleia Nacional, mas já em 1954, continuou a destacar a importância da existência de uma comunidade luso-brasileira.

No período analisado, a grande ex-colónia portuguesa foi considerada, em geral, como um bom exemplo da colonização portuguesa e, num contexto pós-colonial para o Brasil, mas no qual Portugal ainda administrava territórios ultramarinos, o país sul-americano serviu de inspiração para o debate acerca das questões relativas à mestiçagem e a uma correta e higiénica administração colonial. Por outro lado, no início dos anos 1950, numa altura em que a colonização portuguesa se sentiu ameaçada face ao contexto internacional, é interessante que tenha sido um intelectual brasileiro, que no início dos anos 1930 descreveu a colonização portuguesa como diferente<sup>98</sup>, a ser convidado para visitar alguns dos territórios administrados na África e na Índia, no sentido de

96 AAVV, 1957.

97 SOBRAL, 2010.

98 FREYRE, 1957 [1933].



Figura n.º 3 – Busto em bronze de Mendes Correia, Museu de História Natural da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

poder constatar a sua teoria luso-tropical. A tese de Gilberto Freyre viria a ser incorporada pelo sistema político português e utilizada em ocasiões oficiais, nacionais e internacionais.

No que respeita à obra de Mendes Correia, verificou-se, ao longo dos anos, uma adequação das suas teses relativamente à colonização portuguesa e à mestiçagem, às quais não terão sido alheias as mudanças internacionais e nacionais, sobretudo no período pós II Guerra Mundial. Assim, o professor do Porto passa a destacar nos seus textos o facto de no Brasil se verificar que indivíduos aparentemente muito diferentes entre si, do ponto de vista fenotípico, podiam afinal relacionar-se e conviver mutuamente. Por essa razão, e mediante determinadas condições, a miscigenação não era necessariamente nefasta e podia ocorrer. Como acréscimo, o Brasil foi considerado um aliado importante no que à promoção da língua e da cultura portuguesas dizia respeito, tendo também contribuído para tal a ação de Mendes Correia.

Além de ter sido citado, entre outros, pelos brasileiros Gilberto Freyre e Afrânio Peixoto, o professor Mendes Correia é ainda hoje uma figura a partir da qual se pode analisar a forma como alguns indivíduos, representantes da classe científica portuguesa de então, moveram esforços para, entre Portugal e o Brasil, se promover o diálogo científico e cultural, e também o debate e a constituição de alicerces para o conhecimento científico.

## Fontes

- AAV, 1935 – *A Cultura Portuguesa no Brasil. Missão do Professor Mendes Corrêa, Director da Faculdade de Ciências do Porto, para inauguração do Instituto Luso-Brasileiro de Altos Estudos, no Rio de Janeiro e S. Paulo, em junho e julho de 1934*. Porto: Imprensa Portuguesa.
- AAV, 1957 – “Professor Mendes Correia. Homenagem dos seus amigos e admiradores”. Sep. do *Boletim da SGL*, números 4-6, p. 119-152.
- AZEVEDO, Ayres de, 1940 – “A pureza bioquímica do Povo Português” in *Congressos do Mundo Português*, CNCP, vol. XVII, tomo 1, secção 2. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários, p. 551-564.
- BENEDICT, Ruth, 1983 [1942] – *Race and racism*. Londres, Melbourne e Henley: Routledge e Kegan Paul.
- Boletim Municipal da Câmara Municipal do Porto*. 1937 a 1942. Porto: Tipografia Leitão.
- Comércio do Porto (O)*, Porto, 7 de janeiro de 1960.
- CORREIA, Mendes, 1913 – *Os Criminosos Portugueses: Estudos de Antropologia Criminal*. Porto: Imprensa Portuguesa.
- CORREIA, Mendes, 1919 – *Raça e Nacionalidade*. Porto: Renascença Portuguesa.
- CORREIA, Mendes, 1924 – *Os Povos Primitivos da Lusitânia*. Porto: A. Figueirinhas.
- CORREIA, Mendes, 1931 – *A Nova Antropologia Criminal*. Porto: Imprensa Portuguesa.
- CORREIA, Mendes, 1932 – “Gravuras rupestres no Brasil”. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. V (4), p. 1-8.
- CORREIA, Mendes, 1935a – “A etnogenia brasileira”. *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*. XIX, p. 1-22.
- CORREIA, Mendes, 1935b – *Cariocas e Paulistas*. Porto: Fernando Machado.
- CORREIA, Mendes, 1938 – “Antigos escravos africanos em Portugal e no Brasil”. *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*. XXIII, p. 1-29.
- CORREIA, Mendes, 1940a – “O mestiçamento nas colónias portuguesas” in *Congressos do Mundo Português, Congresso Colonial*, vol. XIV, tomo 1, secção 1. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários, p. 113-133.
- CORREIA, Mendes, 1940b – “Factores degenerativos na população portuguesa e seu combate” in *Congressos do Mundo Português*, CNCP, vol. XVII, tomo 1, secção 2. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários, p. 577-589.
- CORREIA, Mendes, 1940c – “O elemento português na demografia do Brasil” in *Congressos do Mundo Português, Congresso Luso-Brasileiro de História. O Império e a República*, vol. IX, tomo 3, secção 2, Parte 2. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários, p. 243-58.
- CORREIA, Mendes, 1943 – *Raças do Império*. Porto: Portucalense Editora.
- CORREIA, Mendes, 1944a – “O mestiçamento nas colónias portuguesas”. Sep. de *África Médica*. Porto: Costa Carregal, n.º 12, p. 1-4.
- CORREIA, Mendes, 1944b – “As tendências bio-étnicas do Brasil contemporâneo”. *Publicações do Congresso Luso-Espanhol do Porto*, V, p. 1-11.
- CORREIA, Mendes, 1951 – “A cultura portuguesa na África e no Oriente”. *Estudos Coloniais. Revista da ESC*. II, n.º 1, p. 19-51.
- CORREIA, Mendes, 1954a – *Antropologia e História*. Porto: Imprensa Portuguesa.
- CORREIA, Mendes, 1954b – “Cientistas no Brasil” in *Antropologia e História*. Porto: Imprensa Portuguesa, p. 265-294.
- CORREIA, Mendes, 1956 – “A ‘cultura luso-brasileira’. (A propósito de duas conferências de Pedro Calmon)”. Separata do *Boletim da SGL*. Série 74, números 10-12, p. 347-357.
- Diário das Sessões. Assembleia Nacional*. Disponível em: <<http://debates.parlamento.pt>> [consult. set. 2010].
- Estatutos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, 1918. Porto: SPAE.
- Estatutos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, 1924. Porto: SPAE.
- FREYRE, Gilberto, 1957 [1933] – *Casa Grande & Senzala. Formação da Família Brasileira sob o Regime de Economia Patriarcal*. Lisboa: Livros do Brasil.
- FREYRE, Gilberto, 1954a – *Aventura e Rotina. Sugestões de uma viagem à procura das constantes portuguesas de carácter e de ação*. Lisboa: Livros do Brasil.
- FREYRE, Gilberto, 1954b – *Um brasileiro em terras portuguesas. Introdução a uma possível Lusotropicologia*. Lisboa: Livros do Brasil.
- LIMA, J. A. Pires de, 1940 – “Influência de Mouros, Judeus e Negros na Etnografia portuguesa” in *Congressos do Mundo Português*, CNCP, vol. XVIII, tomo 2, secção 3. Lisboa: Edição dos Congressos do Mundo Português, p. 63-102.
- Livro de Actas da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia I*, 1918-1924, Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.
- Livro de Actas da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia II*, 1925-1944, Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.
- MELLO, Lopo Vaz de Sampaio, 1936 – “Da influência da eugenia no fenómeno da colonização e na política do império”. *Boletim Geral das Colónias*. N.º 131, p. 37-69.
- OLIVEIRA, José Osório, 1934a – “O negro. Contribuição brasileira para o seu estudo”. *O Mundo Português*. I (4), p. 135-138.